

53

ORIGINAL ANEXO AO	
PROC. N.º 248 / 05	
EM 6 / 10 / 05	BR

Senhor Presidente
Senhores Vereadores

Domingos Antonio Stamato nasceu em Santo André, em 1.º de junho de 1947, embora em seu registro de nascimento conste a data de 15 de julho, o que era um motivo para que ele, um grande amante de festas, comemorasse seu aniversário 2 vezes. Filho de Domingos Stamato e de Amélia Escudeiros Stamato, cedo mudou-se para a cidade de Bebedouro, no interior do Estado de São Paulo, onde viveu sua infância e adolescência. Começou a trabalhar bastante jovem. Com 12 anos já ajudava seu pai no trabalho de produção de caixas de laranja, cuja exportação era a principal fonte de receitas do município. Aos 14 anos, também orientado pelo seu pai, que se preocupava em lhe proporcionar aprendizado profissional, trabalhou como ferreiro, profissão da qual tinha muito orgulho, mesmo depois de formado médico.

Em 1967, aos 19 anos, foi aprovado no concorrido vestibular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará. Essa grande conquista coincidiu com o falecimento do seu pai, o que aumentou as dificuldades financeiras de sua família. Naquele tempo, os alunos de Medicina iam à Universidade de terno e Stamato precisou apresentar um Atestado de Pobreza para conseguir freqüentar as aulas com suas modestas roupas. Esse Atestado tem um outro motivo de orgulho em sua vida e, possivelmente também a razão de ter se identificado tanto com os excluídos e ter dedicado praticamente toda sua vida profissional à saúde pública.

Sua condição econômica o empurrou cedo para o exercício profissional. Já nos primeiros anos começou a dar plantões e participou do início do Projeto Rondon, viajando pela Amazônia para atender as populações ribeirinhas necessitadas de cuidados médicos. Isto lhe trouxe uma precoce consciência da intensa desigualdade social do Brasil.

Destacou-se ainda como ativo militante estudantil. Secretário da União Acadêmica Paraense, em 1968 foi um dos líderes dos protestos contra a ditadura militar, participando da ocupação da Universidade Federal do Pará, atividade que lhe rendeu alguns dias de prisão.

Desse louco e conturbado período extraiu o seu comportamento como cidadão. Os ideais de pacifismo, preservação do meio ambiente, liberdade de expressão e justiça social forjaram sua conduta e permaneceram inalterados até sua morte, aos 58 anos de idade.

Em Belém, conheceu sua primeira esposa, Alcinda Maria Santos Stamato, assistente social, com quem teve sua primeira filha, Aina Stamato, nascida em 1972.

Ao diplomar-se médico resolveu retornar a seu Estado natal, São Paulo, fixando-se em Santos, onde iniciou residência médica em Neurologia, na Santa Casa de Misericórdia, sob a orientação de seu primo, Dr. João Antonio Stamato.

Mas os estudos de Psicologia e de Filosofia acabaram impulsionando Stamato para a Psiquiatria e ele resolveu complementar sua formação em São Paulo, onde passou a fazer residência no Centro Comunitário de Saúde Mental em Cidade Dutra, ligado à Faculdade de Medicina de Santo Amaro, experiência pioneira na área de saúde mental comunitária.

Nesse mesmo período aprofundou sua formação com o Dr. Osvaldo Dante Di Loreto na Clínica Infância, trabalho pioneiro de atendimento psiquiátrico e social a adolescentes em conflito com a Lei. E especializou-se no atendimento de crianças portadoras de necessidades especiais na APAE de São Paulo. Foi um período de intensos estudos, que forneceu o alicerce teórico para seu futuro trabalho na liderança da revolução da saúde mental no Brasil.

Em 1976, Domingos Stamato trabalhava na Prefeitura de Santos, na antiga UOI, serviço especializado no atendimento de crianças com problemas de aprendizagem e de desenvolvimento, como médico clínico, na Prefeitura de São Vicente e em outros serviços de saúde, além de atender no consultório privado. Em todos esses espaços, ia deixando sua marca característica o jeito envolvente e afetivo de se relacionar com os pacientes.

Ficou conhecido como um psiquiatra "diferente", capaz de fazer uma leitura humanizada dos distúrbios psiquiátricos, alguém que antes de ser médico era um ser humano, que via o outro não como um paciente, mas como um outro ser em busca de ajuda.

Nesse mesmo ano separou-se de sua primeira esposa. Em 1978 casou-se pela segunda vez com a psicóloga Maria Izabel Calil, companheira com quem conviveu até o final de sua vida e com quem teve 3 filhas Janina, Ahura e Nadja.

* Em 1979, juntos deram início ao Centro de Convivência de São Vicente, na Rua Jacob Emmerich, um misto de clínica psicológica, escola livre, galeria de arte e cooperativa, espaço fomentador de várias experiências inovadoras. Ao lado do Centro de Convivência, com mais 4 amigos e suas 4 crianças, formaram uma Comunidade Alternativa Urbana, ocupando 2 casas com ampla área verde, onde tentaram concretizar os sonhos de uma convivência pacífica e harmônica. Muitos profissionais que hoje despontam na região com destaque foram formados e participaram ativamente do Centro de Convivência.

Foi no Centro de Convivência, em 1980, que se iniciou o Núcleo da Rede Alternativa de Psiquiatria na Baixada Santista, movimento de âmbito internacional de combate aos métodos psiquiátricos tradicionais, com base nos pensamentos dos filósofos Michel Foucault e Félix Guattari e nas experiências da antipsiquiatria, desenvolvidas na Inglaterra por R.D. Laing e David Cooper. Também no Centro de Convivência nasceu a Associação Regional de Trabalhadores em Saúde Mental (ARTSAN), entidade que, entre 1981 e 1982, iniciou um movimento contra os maus-tratos recebidos pelos então pacientes da Casa de Saúde Anchieta, lançando as sementes para o processo que ocorreria 7 anos depois, em 1989, com o fim daquela que era conhecida como a "Casa dos Horrores". Entre as ações exitosas da Associação registrou-se a desativação do "chiqueirinho", uma cela minúscula no DP da Zona Noroeste, em Santos, onde eram mantidas as pessoas com distúrbios mentais que aguardavam vaga para internação em hospitais psiquiátricos.

* Pelo Centro de Convivência passaram figuras muito significativas na Psicologia, como o psicoterapeuta argentino Alfredo Moffatt e o escritor Roberto Freire. O primeiro trabalho feito na região com meninos de rua foi iniciado ali, numa parceria com a Secretaria de Promoção Social do Estado e o Lar Vicentino. À frente do Centro de Convivência, Stamato também participou intensamente da luta por uma melhor qualidade de vida na região. Integrante da Coordenação da Comissão do Meio Ambiente, que se reunia no Sesc, foi um dos fundadores do Movimento em Defesa da Vida. Com passeatas e outras manifestações de protesto, o grupo defendia a preservação do Vale do Quilombo e criticava a degradação das encostas da Serra do Mar, a proposta de instalação de usinas nucleares na Juréia, e a poluição das praias. Quando do incêndio da Vila Socó, Stamato e Isabel realizaram um trabalho de atendimento psicossocial a situações de calamidade, envolvendo crianças, adolescentes e famílias vitimados pela inesquecível tragédia.

Em 1985, descontente com a atitude negligente das autoridades com relação à grave situação ecológica da Baixada Santista, Stamato mudou-se com a família para São José do Rio Preto, onde permaneceu até 1988. Nesse breve período de permanência na cidade exerceu ativamente sua cidadania, como sempre foi sua característica. Tornou-se professor da Faculdade de Medicina; ajudou a implantar o Centro Regional de Maus Tratos à Infância; fundou o Movimento Ecológico Livre (MEL), que combatia a poluição dos rios e as queimadas; organizou diversas atividades comunitárias de lazer, atuou no Projeto Pequenos Trabalhadores, voltado para meninos de rua; e criou a Colônia Palmares, projeto de educação ambiental destinado a promover valores éticos e ambientais em crianças da classe alta. Essa intensa atividade lhe rendeu homenagens na Câmara Municipal.

Em 1989, quando Telma de Souza assumiu a Prefeitura de Santos Stamato foi convidado a voltar a Santos para transformar sua luta contra os maus tratos aos pacientes psiquiátricos, iniciada anos antes, em um novo sistema de atendimento, baseado nas experiências de desativação dos manicômios empreendida nos anos 70 pelo psiquiatra Franco Basaglia na Itália. Integrando a equipe de intervenção da Casa de Saúde Anchieta, seu trabalho resultou na extinção das condutas "terapêuticas" adotadas até então no Hospital - eletrochoques, celas fortes, camisas-de-força e contenção química por excessiva medicação.

✧ Em seguida, integrou a equipe que implantou o primeiro NAPS/Núcleo de Atenção Psicossocial de Santos, na Zona Noroeste. Logo depois, colaborou com a expansão dessa inovadora política de saúde mental para São Vicente, integrando a equipe que implantou o NAPS-Mater, primeiro Núcleo de Atenção Psicossocial do município. Com a criação do CAPS/Centro de Atenção Psicossocial no Saquarem, próximo à favela México 70, tomou-se psiquiatra desse serviço, amado e respeitado por pacientes, funcionários e colegas.

Até 2004, antes de se aposentar, trabalhava no Pronto Socorro Psiquiátrico da Zona Noroeste, em Santos. E até 3 meses antes de falecer continuava trabalhando no CAPS Saquare e integrava a equipe de saúde mental do Hospital de Cubatão. Pouco antes de sua morte, havia sido convidado pela direção da Beneficência Portuguesa para reativar e dirigir o Setor de Psiquiatria do hospital. Em 1990, logo após a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, Stamato e sua companheira Maria Izabel Calil organizaram a Comissão Local do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), e desencadearam o processo de implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente em Santos e na região. Essa atuação foi ampliada quando Stamato assumiu a coordenação do Fórum Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, espaço de articulação que resultou na formação do Conselho Municipal, tornando-se Conselheiro representante da Secretaria Municipal de Saúde na primeira gestão. Fez parte também da Comissão Eleitoral que organizou a primeira eleição de Conselheiros Tutelares no município de Santos. Foi um dos organizadores do Fórum Estadual de Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes e membro da equipe que redigiu, aprovou e implantou o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. Em 1996, como Coordenador Local do MNMMR, Stamato firmou parceria com a organização não-governamental Médicos Del Mundo, da Espanha e desenvolveu, com uma equipe, o Projeto Educação para a Saúde, que consistia em ações de atenção e prevenção à saúde de crianças e adolescentes em situação de rua e moradores de favelas da região.

⚡ Foi ainda um dos idealizadores do Centro de Valorização da Criança e psiquiatra da primeira equipe de trabalho do órgão, voltado a atender crianças vítimas de maus tratos. Integrou a equipe de coordenação do Projeto Meninas de Santos, uma parceria da Prefeitura com o UNICEF, destinado a atender adolescentes envolvidas na prostituição.

Em 2000, Stamato e Isabel fundaram a Associação Libertária da Infância e da Adolescência (ALIA), ONG que ajudou a promover o Fórum Regional Juvenil, de incentivo ao protagonismo dos jovens. Antes de adoecer, Stamato conseguiu que a ALIA celebrasse convênio com o Ministério do Trabalho e a CODESP para a implantação do projeto "Porto da Juventude". Esse trabalho teve início em agosto deste ano e envolve cerca de 500 jovens de Santos, São Vicente, Guarujá e Cubatão, preparando-os para o mercado de trabalho, numa perspectiva de valorização de sua cidadania ativa e de incentivo ao empreendedorismo juvenil.

Outro projeto encaminhado por Stamato, que deverá começar ainda este ano, foi firmado com a FEBEM, numa parceria com a Prefeitura de Santos e a Cáritas Diocesana. Cerca de 100 jovens em processo de liberdade assistida deverão ser beneficiados.

Algumas das primeiras reuniões para a fundação do Partido dos Trabalhadores em Santos foram realizadas na sede do Centro de Convivência de São Vicente. Embora participasse das discussões com Edméa Ladevig, Gema e Jessé Rebello e Telma de Souza, entre outros, Stamato ainda não era filiado ao partido.

x Nas eleições de 1992, foi convidado pelo Partido dos Trabalhadores a lançar-se candidato à Câmara Municipal. Sem recursos, todo o material de propaganda de sua campanha era custeado com o dinheiro arrecadado em festas e rifas, além de doações dos simpatizantes.

Não conseguiu votação suficiente para se eleger, mas sua campanha foi considerada a mais criativa e alegre do PT. Simpatizante das idéias anarquistas, Stamato participava intensamente das ações do PT, mas sempre se posicionou de forma independente, sem atrelamento às facções que compõem o partido. Não fazia a menor questão de

ser chamado de "doutor" e se relacionava com seus subordinados em igualdade. Gostava de cuidar das pessoas mais pobres, com quem usava uma linguagem acessível e didática. Costumava se envolver com os dramas de seus pacientes, agindo como amigo e conselheiro. Nos últimos anos, introduziu uma inovação no tratamento psiquiátrico. Possuidor de especialização em homeopatia, Stamato tratava de muitos casos, mesclando métodos tradicionais com terapias alternativas, principalmente a prescrição de remédios homeopáticos. Para ele, o mercantilismo não combinava com a atividade médica. *"Nada contra o médico ganhar dinheiro. O que não se pode admitir são os empreendimentos meramente lucrativos. Mesmo porque mensurar a saúde é muito difícil", dizia.*

No período em que lecionou, seu relacionamento com os alunos sempre foi muito próximo e amistoso. Além de professor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, implantou e deu aulas de Psicologia Preventiva no Curso de Psicologia da Universidade Católica de Santos.

Admirador de Sartre, expoente do existencialismo, Stamato compartilhava a idéia de que a base da existência humana é a livre escolha que cada homem faz de si mesmo. O psiquiatra considerava a liberdade como a mais fundamental das necessidades humanas, o que necessariamente exigia o engajamento político e social para a sua manutenção.

Outro valor prezado por ele era a esperança. Tanto que sua companheira por 27 anos, na cerimônia de despedida, lembrou que em toda a fase da doença, Stamato acreditava na possibilidade de recuperação e procurava não se abater ou se queixar da debilidade. Ele foi embora em 15 de junho de 2005, sabendo que deixaria um legado para todos aqueles que acreditam na alegria e na esperança como motores da existência.

Diante do exposto, e no intuito de prestar merecida homenagem a essa personalidade de destaque em nossa cidade,

Submeto à apreciação do Egrégio Plenário o seguinte:

PROJETO DE LEI N.º 144 /05 – DOCUMENTO N.º 1821 /05

Denomina **Dr. Domingos Antônio Stamato** o prédio onde funciona o **CAPS**, localizado na **Av. Nações Unidas**, esquina com a **Av. Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon**, na Vila Margarida.

Art. 1.º - Fica denominado Dr. Domingos Antônio Stamato o prédio onde funciona o CAPS, localizado na Av. Nações Unidas, esquina com a Av. Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon, na Vila Margarida

Art. 2.º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

SALA MARTIM AFONSO DE SOUSA,
Em 6 de outubro de 2005


LUIZ ANTONIO DOS SANTOS